

BÍBLIA: ADAPTAR É PRECISO

Thalita Fernandes Clemente (UERJ)

thalita.clemente@bol.com.br

1. Introdução

A *Bíblia* é um livro milenar e de inspiração divina, como afirmam especialistas e religiosos. Afirma-se que este conjunto de livros se constituiu por escritos de mais de quarenta autores diferentes, centrados no mesmo tema: Jesus Cristo. Os relatos apresentados na *Bíblia*, inicialmente, eram difundidos via oral e, muito tempo depois, usou-se a escrita para registrar os acontecimentos. Os livros que formam a *Bíblia* foram escritos num período aproximado de mil e seiscentos anos e passados de geração a geração, traduzindo-se a várias línguas.

Outro dado importante sobre a obra diz respeito à sua divisão em capítulos e versículos: os textos originais não apresentam essa disposição, mas para facilitar a leitura e a memorização de passagens bíblicas, em 1227, o professor Stephen Langton apresentou uma versão dividida em capítulos. Mais adiante, o professor Robert Estienne, no ano de 1551, repartiu os textos em versículos (cf. KONINGS, 2011). A primeira tradução à língua portuguesa foi impressa em 1748, quando, enfim, portugueses, brasileiros, dentre outros, tiveram acesso a esta leitura em sua língua materna.

A obra estudada, *Bíblia* na perspectiva evangélica, apresenta sessenta e seis livros agrupados em dois grandes grupos: Velho Testamento e Novo Testamento. O primeiro abrange desde a história da criação até acontecimentos após a volta dos judeus do exílio na Babilônia. O último aborda a história de Jesus e seus ensinamentos. Por ser um livro que contém outros livros, apresenta multiplicidade textual, contendo narrativas, cartas, listas genealógicas, legislações, poemas, provérbios etc., o que enriquece ainda mais a obra sagrada.

2. *Bíblia: versão e tradução*

Segundo Konings (2011), uma tradução pode ter várias versões, posto que a tradução é a transposição de um idioma para o outro e a versão se propõe a formular o texto de outro modo (p. 18). Desta maneira, podemos conceber que a *Bíblia* possui um extenso número de traduções e

ainda maior de versões, levando em conta que as editoras visam o alcance de públicos variados.

Por volta do século XIII, o rei Dom Dinis elabora a primeira versão parcial da *Bíblia* em português. Com a Reforma Protestante, sentiu-se a necessidade de “oferecer a *Bíblia* na língua do povo” (p. 19), o que levou Martinho Lutero a traduzir toda o livro sagrado para o alemão; em tal feito, privilegiou “a clareza e a expressividade acima da literalidade” (p. 20). Tal afirmação de Konings garante que o leitor é o principal objetivo de uma obra literária: ele deve, por si mesmo, estabelecer relações de sentido entre os enunciados e fruir o texto, interagindo com a obra.


Em relação à língua portuguesa, a tradução de João Ferreira de Almeida (século XVII) conquistou um espaço avassalador.

A tradução usada pelos evangélicos ou protestantes no âmbito português, inclusive no Brasil, é obra de um clérigo português, emigrado para a Holanda, onde entrou na Igreja Reformada: João Ferreira de Almeida. Segue de perto o texto original, às vezes de modo rígido, como aparece na versão “corrigida fiel” ainda em voga entre nós (ACF). Recentes revisões adaptaram-na ao português moderno (versão “revisada e corrigida”, ARC), ou até assumiram os recentes progressos da pesquisa dos documentos textuais (versão “revisada e atualizada, ARA). (KONINGS, 2011, p. 20)

Ao longo de sua vida, João F. de Almeida trabalhou na tradução da *Bíblia*, começando pelo Novo Testamento. Em 1691, já havia traduzido uma boa parte do Antigo Testamento – mais exatamente até o livro do profeta Ezequiel (26º da *Bíblia*). O trabalho de tradução deu sequência com o pastor Jacobus Akker (da Indonésia). A obra completa em português foi publicada em 1753.

Nota-se, assim, o constante aparecimento de traduções da *Bíblia* na mesma língua. Konings afirma que esse fenômeno já era comum na Antiguidade, havendo quatro traduções em grego. Isso se deve à premissa de que “nenhuma tradução consegue transpor (trans-duzir) perfeitamente, com todas as suas nuances e conotações, o sentido primeiro do texto” (p. 22).

As traduções protestantes ficaram, contudo, muito parecidas. De fato, pode-se observar que a estrutura do texto não difere significativamente de uma para outra, mas visam a atender diferentes leitores. Vejamos:

Versículo Bíblico	Almeida Revista e Corrigida (RC) 	Almeida Revista e Atualizada (RA) 	Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH) 
Gênesis 1.1-2	No princípio, criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.	No princípio, criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas.	No começo Deus criou os céus e a terra. A terra era um vazio, sem nenhum ser vivente, e estava coberta por um mar profundo. A escuridão cobria o mar, e o Espírito de Deus se movia por cima da água.
Salmo 16.5	O Senhor é a porção da minha herança e do meu cálice; tu sustentas a minha sorte.	O Senhor é a porção da minha herança e o meu cálice; tu és o arrimo da minha sorte.	Tu, ó Senhor Deus, és tudo o que tenho. O meu futuro está nas tuas mãos; tu diriges a minha vida.
Mateus 16.24	Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me.	Então, disse Jesus a seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.	E Jesus disse aos discípulos: Se alguém quer ser meu seguidor, esqueça os seus próprios interesses, esteja pronto para morrer como eu vou morrer e me acompanhe.
Romanos 5.1	Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo.	Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.	Agora que fomos aceitos por Deus e pela nossa fé nele, temos paz com ele por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.
1Coríntios 13.4-5	A caridade é sofredora, é benigna; a caridade não é invejosa; a caridade não trata com levandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal.	O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal.	Quem ama é paciente e bondoso. Quem ama não é ciumento, nem orgulhoso, nem vaidoso. Quem ama não é grosseiro nem egoísta; não fica irritado, nem guarda mágoas.

Fonte: <<http://www.sbb.org.br/interna.asp?areaID=66>>. Acesso em: 02-03-2013.

Destaquemos o trecho de *Gênesis* e analisemos a mudança lexical de “princípio” para “começo” – uma troca bastante simples, mas que pode interferir bastante na compreensão de determinado grupo de leitores, visto que a segunda palavra é muito mais usada corriqueiramente. Ainda é possível relatar a inversão do sujeito em “criou Deus” e “Deus criou”. Trata-se, pois, de uma mudança estrutural que permite que o leitor com-

prenda rapidamente que foi Deus quem criou, e não que alguém criou Deus, como as duas primeiras traduções poderiam sugerir.

Konings assevera, então, que se fazem necessários “diversos tipos de tradução para diversos usos e tipos de leitores” (p. 22). Além disso, ressalta que a leitura e compreensão da *Bíblia*, bem como de qualquer outro texto, se dá pela interação que existe entre o leitor e a obra, na qual as palavras cumprem função de mediadoras dessa relação. Assim, “para fazer acontecer essa interação as traduções podem cumprir o mesmo papel que o texto original” (*ibidem*).

3. *A leitura da Bíblia*

Devido às inúmeras versões do livro sagrado, é possível ver a variabilidade de textos encontrados, partindo todos de uma mesma fonte (*A Bíblia*), baseando-se no mesmo conteúdo, mas abordando-o de diferentes modos, usando diferentes estratégias de linguagem. Nesse mundo de opções, há a *Bíblia* para crianças, algumas com pequenas menções a trechos bíblicos, outras que apontam as histórias de maior destaque, em propostas literárias diferentes, cuja linguagem está mais adequada ao nível etário. Também é possível encontrar *Bíblias* de estudos, inicialmente destinadas aos que possuem cargos eclesiásticos mais elevados (os pastores, por exemplo), na qual se verifica um vocabulário mais rebuscado e material de apoio para estudos mais aprofundados nos temas desenvolvidos. Do mesmo modo, a *Bíblia* do adolescente é estampada por uma linguagem mais descontraída, com mensagens de orientação para a fase da vida marcada por escolhas importantes.

Este trabalho, enfim, objetiva o estudo comparativo entre as diferentes propostas da *Bíblia* para crianças, adolescentes e adultos, visando à análise estritamente linguística dos textos apresentados. Verificam-se, pois, os recursos estilísticos usados para a elaboração de tais versões de acordo com o público-alvo pretendido, bem como as estratégias verbais e não verbais de cada uma. Ao final, considera-se se, de fato, tais obras atendem à demanda a que se propõem: apresentar a mensagem, com clareza, ao público destinado.

4. Tradução e estilo

Ao falar em leitura, falamos, inevitavelmente, de escrita. A formulação de um texto começa, ou pelo menos deveria começar, na preocupação com o público que se pretende atingir prioritariamente. Nesse aspecto, nos deparamos com a estilística, campo da linguística que estuda as relações de expressividade do texto.

No que tange à tradução da *Bíblia*, Konings observa que há traduções de estilo mais simples e outras mais eruditas, distinguindo-se não apenas pelo público-alvo, mas pelos interesses que envolvem a leitura da obra.

As traduções clássicas da igreja protestante, ora rotuladas como populares, se tornaram complexas para a leitura, pois não acompanharam a dinamicidade do linguajar do povo – inclusive a tradução de Almeida. Para o leitor atual, buscou-se, então, uma nova tradução: *Bíblia na Linguagem de Hoje*. Esta tradução foi disponibilizada em vários idiomas, apresentando até uma edição católica (com os livros apócrifos⁴⁷), para garantir a efetiva compreensão por parte dos fiéis.

Discute-se, porém, a questão do empobrecimento do texto dada à simplificação linguística, pois, segundo Konings,

Não deixa transparecer a estrutura e o colorido da língua original, esconde particularidades significativas, como a forma poética, os jogos de palavras, as figuras e metáforas, os efeitos retóricos do texto original etc. As traduções simplificadas correm o risco de querer ensinar o “conteúdo” separado de sua expressão literária original, abrindo estrada para o dogmatismo⁴⁸. [...] o uso de termos mais precisos, conforme a linguagem de hoje, pode fechar a semântica aberta do texto bíblico e reduzir sensivelmente suas ricas conotações. (p. 23)

Apesar de concordar com o autor no que tange à simplificação e ao empobrecimento da linguagem literária presente no texto bíblico, é preciso levar em conta que a *Bíblia* possui muitos enigmas linguísticos e contextuais que, à primeira vista, podem travar a leitura de qualquer um. A tradução na linguagem de hoje aproxima o leitor iniciante do texto literário, pois não se mostra tão hermético; ao contrário, é de mais fácil interação. Além disso, devemos pensar que há simplificação de alguns termos e figuras de linguagem do hebraico, mas são elaboradas muitas ou-

⁴⁷ São os livros que não fazem parte do cânon por não fazerem parte do texto em hebraico e, por isso, não constam na bíblia protestante.

⁴⁸ Imposição sem discussão.

tras na língua em que se traduz, de modo que a arte literária ainda está presente.

5. *Por que se trata de uma questão de estilo?*

Segundo Nilce Sant'Anna Martins, o *estilo* “se aplica a tudo que possa apresentar características particulares, das coisas mais banais e concretas às mais altas criações artísticas” (2008, p. 17). Dessa forma, podemos encontrar versões de uma mesma obra que a correspondam em tamanho, maiores, ou ainda menores, já que o autor de cada versão prioriza determinados trechos, e, até mesmo, infere suas interpretações na nova obra em construção.

O estilo linguístico é um conjunto de fatores que corroboram para a constituição de uma obra, podendo valer-se de desvio da norma, características individuais ou coletivas, escolha entre inúmeras possibilidades de uso, entre outros apresentados por Martins (*idem*, p.18).

Quando uma obra ganha uma versão, podemos considerar que uma nova obra foi feita, baseada nos princípios da original. Logo, o que faz a versão também é autor, também cria. Desse modo, a *Bíblia*, um livro originariamente escrito por vários autores, ganha muitos outros ao serem produzidas novas versões, cada uma à sua maneira peculiar – seguindo o estilo de seus tradutores e adaptadores.

De acordo com Mattoso Câmara, “a estilística vem complementar a gramática” (p. 14), uma vez que o sistema gramatical dá conta da função representativa da língua e o estilo cuida das funções psíquicas e apelativas, ou seja, da *expressividade*. Assim, cada versão de um livro terá uma faceta diferente, pois cada “coautor” infere suas percepções e chama a atenção para um ponto específico da obra, já que “toda imitação pressupõe uma escolha e, portanto, um *desvio criador* em relação ao modelo” (JAKOBSON *apud* CÂMARA JR., 1979, p. 9 – grifo nosso).

Partindo desse pressuposto, a pesquisa se destina a identificar os usos dos elementos gramaticais na recriação dos textos bíblicos, analisando-os sob a ótica da estilística, levando em consideração os objetivos de cada versão da obra, e tecer considerações sob a pertinência e relevância de cada uma delas.

Justifico minha opção pela *Bíblia* evangélica porque, para uma análise detida e coerente, todas as versões e adaptações selecionadas se

enquadram nesse perfil. Além disso, é necessário que todas as obras pertençam à mesma ideologia, visto que há diferenças dos números de livros contidos na *Bíblia* católica em relação à evangélica, por exemplo. Assim, o estudo deve ser feito com base nos mesmos princípios de construção do livro sagrado. Para maior delimitação, escolheram-se as narrativas do livro de *Gênesis* que, muitas vezes, tem significações distorcidas por falta de adequação linguística e falta de preparo para a leitura, visto que as traduções mais comuns apresentam figuras de linguagem, estrutura sintática e vocabulário nem sempre acessíveis a todos os leitores.

Por meio desse estudo, pretende-se desmitificar a leitura da *Bíblia*, posto que muitos acreditam ser este o livro mais difícil de se ler e atribuir sentido. O que corrobora para tal mitificação é o fato de as pessoas lerem versões que, em geral, não correspondem aos seus objetivos de leitura, ao nível de interação com a religião, à faixa etária, domínio de leitura etc. Desse modo, a pesquisa verifica as devidas condições de leitura e compreensão de um livro tão popular (no sentido de bastante conhecido), mas que ainda é visto como de linguagem rebuscada e, por vezes, incompreensível.

Uma das atribuições do trabalho é caracterizar as versões estudadas e adequá-las a um público-alvo, avaliando se cada uma alcança, verdadeiramente, o objetivo por elas traçado: dar ao público o conhecimento das escrituras sagradas.

A metodologia utilizada consiste em leituras e discussões teóricas relacionadas ao desenvolvimento da língua e, principalmente, análises do próprio texto bíblico, atentando para as estratégias linguísticas usadas em cada uma das versões, como: linguagem apropriada, síntese ou desenvolvimento do conteúdo, recursos visuais, seleção vocabular, entre outros.

O estudo proposto tem caráter comparativo, visto que usará pelo menos três versões diferentes, não para selecionar a melhor, mas para elucidar as diferentes estratégias de recriação da mesma obra.

6. *Bíblia para todos*

Como já foi dito, o mercado literário tem investido na produção de versões especiais para públicos distintos. Cabe salientar, então, que as edições especiais da *Bíblia* para criança, adolescente, obreiro, mãe, avó, surfista, entre outras apresentam um conjunto de textos extras que fazem referência ao universo específico de cada grupo leitor a que se destina.

Além do texto bíblico em si, há paratextos (notas de rodapé, apresentação dos livros bíblicos, tira-dúvidas, contextualização) que esclarecem a leitura, relacionando as passagens às vivências típicas de cada grupo, levando em conta os interesses coletivos. Assim, essas edições não são classificadas por idade no que tange ao texto bíblico especificamente, mas sim em relação aos textos de aplicação pessoal que são elaborados especialmente para cada grupo.

Como a pesquisa, ora apresentada, se remete ao campo linguístico do próprio texto bíblico, devo ressaltar que são poucas as diferenças estruturais e lexicais entre as versões analisadas. Por vezes, há uma mudança de vocábulo para que seja melhor entendido, mas que não soluciona o problema geral da significação. O mesmo pode ocorrer na simplificação da estrutura sintática (já que, na *Bíblia*, há recorrência de ordem indireta, sujeito posposto ao verbo, orações intercaladas), que, sem a adequação lexical também de nada serve. Desse modo, o que se observa pontualmente, em relação à linguagem, são diferentes traduções, que nem sempre garantem a leitura fluida e a pronta assimilação do conteúdo.

Conclui-se, então, que não há versões propriamente ditas para públicos diferentes. A versão de uma obra literária supõe modificações que favoreçam a leitura do texto em questão. A propaganda de uma *Bíblia* para crianças, por exemplo, nos remete à possibilidade de um domínio de leitura do pequeno leitor. O que acontece, porém, é que se mantém a tradução que a editora acredita ser a mais fácil para o público-alvo.

Devido a tudo isso, a pesquisa tomou rumos diferentes ao que, inicialmente, se propunha. Ao longo das pesquisas de versões, notou-se a crescente produção de *adaptações* da *Bíblia*, atendendo a diversos tipos de leitores.

A adaptação consiste em um recurso linguístico-literário de aproximação da obra integral com o leitor, dissipando os possíveis receios de leitura, preparando o caminho para o contato com a obra original. Dado que muitos consideram a leitura do texto bíblico cansativa, difícil e, até mesmo, enfadonha, a possibilidade de ler uma versão compacta da obra é o primeiro passo para que se aguce a vontade de conhecer a fonte criadora da adaptação.

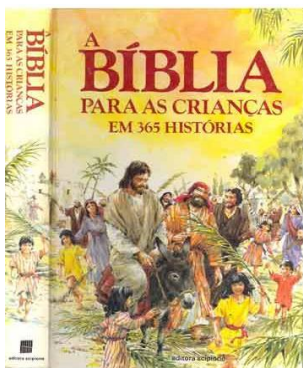
Levando em conta que a *Bíblia*, de fato, conforma um texto bastante hermético e de complexa leitura, apresentando em sua composição vários gêneros textuais, torna-se considerável que o leitor seja preparado para mergulhar no universo literário que a própria *Bíblia* traz em si. A

leitura da adaptação antes do texto tradicional configura, então, um rito de passagem que possibilita ao leitor, de qualquer idade, uma compreensão mais clara e objetiva da obra, sem nunca esquecer, porém, que ler a adaptação não é ler o original.

7. *Bíblia para crianças*

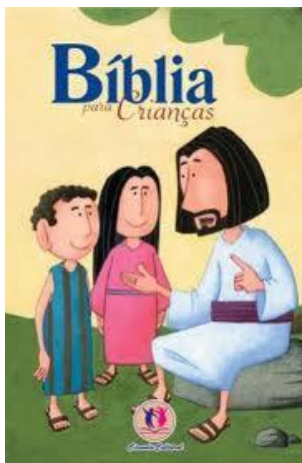
Para esse grupo, a maioria das obras destinadas são adaptações. Assim, há conteúdos suprimidos. Em se tratando de *Bíblia*, as narrativas são os gêneros que prevalecem nas obras destinadas aos pequenos, tanto no que tange aos livros do Antigo Testamento (a criação do mundo, o dilúvio, a travessia do Mar Vermelho e outras histórias) como aos do Novo Testamento (nascimento de Jesus, os milagres, a morte e ressurreição de Jesus). A escolha desse gênero se deve, certamente, à proximidade que as crianças têm com narrativas desde muito cedo, ouvindo contos de fadas.

Raras são as *Bíblias* para crianças que apresentam, pelo menos, trechos dos livros pertencentes a outros gêneros, como os de poemas e provérbios (*Salmos*, *Provérbios* e *Cantares de Salomão*). Durante minha investigação, encontrei um exemplar, destinado a crianças, que traz alguns poemas do livro de *Salmos*. Vale dizer, no entanto, que a configuração material do livro não parece se destinar ao público infantil, posto que se trata de um livro bem grande e pesado, inviável de ser carregado por uma criança. Há ilustrações, mas apenas isso não basta para qualificar a obra adequada ao grupo em questão. Parece bem mais que o livro se destina aos instrutores bíblicos, responsáveis pela formação religiosa dos pequenos.



<http://xpress.superpedido.com.br/Imagens/Capas201010/8526217321.jpg>

Não se encontrou, efetivamente, nenhuma versão bíblica para crianças, que apresente toda a *Bíblia* em linguajar próprio para esse grupo. Desse modo, o estudo desviou-se para a análise das adaptações propostas; que, no caso do público infantil, há fartura de obras.



<http://www.livrariaresposta.com.br/fotos/9788538002659.jpg>

A adaptação selecionada se constitui por breves narrativas que abrangem a criação do mundo, o dilúvio, histórias de homens de destaque como Moisés, Davi, Daniel, Jonas, entre outros, bem como o nascimento de Jesus, seu ministério, morte e ressurreição.



http://3.bp.blogspot.com/_Ps6uQuWJjfQ/TFCYQ-gdvEI/AAAAAAAADsI/jxlZWBcyXLo/s320/babel2a.jpg

O estudo leva em conta a adequação linguística dos materiais recolhidos, avaliando a possível interação texto-leitor, sem a qual não há significação.

8. *Narrativas para o pequeno leitor*

Neste trabalho, consta a análise da adaptação da primeira narrativa da *Bíblia* para o mundo infantil. Tratando de contar a história da criação, o autor simplifica o conteúdo, sem empobrecê-lo, permitindo que a criança reconheça os elementos do texto e interaja com cada um dele, produzindo o significado.

Na versão tradicional, a história da criação assim se apresenta em um capítulo de trinta e um (31) versículos, relatando as ações até o sexto dia de trabalho.

Gênesis 1

No princípio criou Deus os céus e a terra.

E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.

E disse Deus: Haja luz; e houve luz.

E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas.

E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. **E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro.**

E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas.

E fez Deus a expansão, e fez separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão; e assim foi.

E chamou Deus à expansão Céus, e **foi a tarde e a manhã, o dia segundo.**

E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca; e assim foi.

E chamou Deus à porção seca Terra; e ao ajuntamento das águas chamou Mares; e viu Deus que era bom.

E disse Deus: Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente está nela sobre a terra; e assim foi.

E a terra produziu erva, erva dando semente conforme a sua espécie, e a árvore frutífera, cuja semente está nela conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom.

E foi a tarde e a manhã, o dia terceiro.

E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias e anos.

E sejam para luminares na expansão dos céus, para iluminar a terra; e assim foi.

E fez Deus os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; e fez as estrelas.

E Deus os pôs na expansão dos céus para iluminar a terra,

E para governar o dia e a noite, e para fazer separação entre a luz e as trevas; e viu Deus que era bom.

E foi a tarde e a manhã, o dia quarto.

E disse Deus: Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus.

E Deus criou as grandes baleias, e todo o réptil de alma vivente que as águas abundantemente produziram conforme as suas espécies; e toda a ave de asas conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom.

E Deus os abençoou, dizendo: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei as águas nos mares; e as aves se multipliquem na terra.

E foi a tarde e a manhã, o dia quinto

E disse Deus: Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado, e répteis e feras da terra conforme a sua espécie; e assim foi.

E fez Deus as feras da terra conforme a sua espécie, e o gado conforme a sua espécie, e todo o réptil da terra conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom.

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.

E criou Deus o homem à sua imagem: à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra.

E disse Deus: Eis que vos tenho dado toda a erva que dê semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda a árvore, em que há fruto que dê semente, ser-vos-á para mantimento.

E a todo o animal da terra, e a toda a ave dos céus, e a todo o réptil da terra, em que há alma vivente, toda a erva verde será para mantimento; e assim foi.

E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom: **e foi a tarde e a manhã, o dia sexto.**

Fonte: <http://www.biblionline.com.br/acf/gn/1>. Acesso em: 06-03-2013.
(Tradução Almeida Corrigida e Revisada Fiel)

O texto clássico, tal como vemos, se mostra bastante longo, de vocabulário rico e, por vezes, difícil – dependendo do nível de leitura e conhecimento de mundo que tenha o leitor.

A palavra “trevas”, por exemplo, não é tão corrente na língua do povo. Para tal vocábulo é possível encontrar vários significados; sendo o primeiro, abaixo listado, o correspondente à tradução do texto bíblico.

9. *Significado de treva*

s.f. Escuridão completa.

Fig. Ignorância. (A palavra é geralmente usada no plural.)

S.f.pl. Ofício das noites de quinta-feira ou sexta-feira santas. (Escreve-se com maiúscula.)

Reino das trevas, o inferno.

Príncipe das trevas, espírito das trevas, o demônio.

(Fonte: <http://www.dicio.com.br/treva/> – Acesso em: 06-03-2013)

O trecho “*Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus*” é bastante figurativo, pois ilustra a água como produtora dos seres marítimos. Se imaginarmos que o texto seja lido por uma criança recém-alfabetizada, o versículo em questão teria necessidade de explicação de outrem, posto que a vivência linguística da criança, provavelmente, ainda não atingiu o nível de reconhecer o significado de “abundante” nem seu uso adverbial em “abundantemente”. É possível, até, que o pequeno leitor decomponha a palavra e encontre outra que não cabe no contexto, mas que já faz parte do seu vocabulário popular. Pode-se mencionar o termo “répteis” que, a depender do nível de escolaridade da criança, ainda não é reconhecível.

Outro fator relevante na composição do texto reside no paralelismo dos versículos que encerram um dia da criação: “*e foi a tarde e a manhã, o dia [...]*”, destacado no texto apresentado. A repetição constante dessa expressão torna-se cansativa e pouco atraente ao leitor infantil, uma vez que ele deseja ação e dinamicidade na história.

Na adaptação, o capítulo inicial do livro de Gênesis, no qual se conta até o sexto dia de criação do mundo, é contado numa breve narrativa, acessível para crianças, talvez perdendo a estética do texto clássico,

mas ganhando pequenos leitores, pois conseguem interagir bem com o texto. A razão para isso reside na reorganização dos termos, supressão de informações secundárias e vocabulário simples. O texto adaptado cabe em duas páginas e ainda faz uso da linguagem não verbal, apresentando uma ilustração sobre a criação.

Vale mencionar que os capítulos do livro adaptado apresentam títulos diferentes dos da *Bíblia*, na versão tradicional. A obra apresenta recortes do texto original e, com isso, alguns livros bíblicos não constam na adaptação. Desse modo, os títulos apresentados na obra analisada correspondem ao que é relatado ao longo do capítulo. Abaixo do título, consta a referência do livro bíblico em que a história pode ser lida na íntegra, fator que descarta a ideia de que a adaptação tenta substituir o original. Ao leitor, então, é dado o direito de, futuramente, ler o texto completo, com todo o rebuscamento desejado pelos autores do hebraico e dos tradutores que seguiram a estrutura do texto sagrado. Abaixo, reproduzo o texto tal como consta na adaptação:

A criação

(Gênesis 1.1-31)

Há muito tempo, nada existia além de Deus.

Então, Ele decidiu criar o mundo. Primeiro, Deus disse:

- Haja luz!

E a luz surgiu. Então, o dia e a noite passaram a existir.

No segundo dia, Deus criou os mares, para que existisse água no mar e sobre o céu.

No terceiro dia, Deus disse:

- Que a terra produza árvores, vegetais e plantas. – E tudo isso aconteceu. Deus olhou e viu que tudo era bom.

Mas parecia que faltava algo no céu, então Deus criou o Sol para nos aquecer durante o dia. Ele também criou a Lua e as estrelas para iluminar nossas noites. Esse foi o quarto dia.

No quinto dia, Deus criou todas as espécies marinhas e, no céu, todos os tipos de aves.

Deus percebeu que ainda faltavam mais coisas, então, no sexto dia, criou todas as espécies de animais e fez também os seres humanos: o homem e a mulher. Deus gostou de tudo o que fez e viu que tudo era muito bom.

Então, no sétimo dia, Deus descansou.

(ARAGÃO, p. 12 e 13)

Pode-se notar que o texto começa com uma estrutura bastante similar aos contos conhecidos pelas crianças. No lugar de “Era uma vez...”, a autora prefere usar “Há muito tempo...”, o que surte bastante efeito na construção da narrativa por parte da criança, pois permite que ela se desloque, mentalmente, no tempo e no espaço já no início da história. Se usássemos a expressão do texto original (*No princípio criou Deus*), o leitor teria que reconhecer que o princípio em questão remete a um passado muito distante e, para tanto, precisaria de auxílio para entender o significado da palavra.

Não há como deixar de notar que o texto adaptado está bem mais enxuto que o original. Dispensando repetições, o novo texto se mostra mais próximo do universo infantil com frases curtas e ações apresentadas diretamente. Dessa maneira, o pequeno leitor consegue, por ele mesmo, estabelecer vínculos com a narrativa lida. E é nesse espaço de interação entre leitor e texto que se alcança a plena construção do significado.

O texto, então, não é unilateral; ao contrário, conta com a colaboração do leitor para a plenitude de seu significado. Os vazios do texto são os espaços em que o interlocutor pode atuar e contribuir para a produção de sentido, por isso, o texto não precisa ter todos os dados, pois cabe ao receptor criá-los. A compreensão depende da capacidade de preenchimento dessas lacunas.

Yunes (2009), no capítulo destinado à “Memória”, aborda a leitura como substância ativadora de nossas lembranças. A memória, então, cumpre o papel de nos permitir construir significados para os textos que ouvimos ou lemos, de acordo com nossas experiências. Jorge Luis Borges, em entrevista, afirmou que, na literatura, o papel do leitor é mais importante que o do autor, pois é ele quem configura o status final da obra. Yunes, de igual modo, afirma que “o ato de ler convoca ao exercício de pensar e, neste, ao de se encontrar” (p. 23).

Outra modificação relevante se dá na sequenciação das ações. No primeiro texto lido, na tradução fiel ao original, estabeleceu-se o paralelismo já citado para marcar os dias em que ocorreu cada atividade de Deus. A adaptação, por sua vez, elenca as ações com os marcadores “primeiro”, “no segundo dia”, “no terceiro dia”, “no quinto dia” para abrir os períodos em que são contadas. Intercala, contudo, com uma oração ao final da narrativa dizendo “Esse foi o quarto dia”, o que não deixa o texto cansativo com a repetição das demais estruturas. Para se referir ao sexto e ao sétimo dias, a autora usa o recurso de colocar o advérbio no

meio da oração, quebrando a expectativa de um texto de estrutura enfa-donha.

Não se pode deixar de falar que muitas coisas foram suprimidas. Por se tratar de adaptação, reforço, isso é aceitável e necessário até. A au-tora, porém, não menciona que, na criação do homem, Deus não manda surgir um homem. Ao contrário, Deus se dispõe a fazê-lo, com suas pró-prias mãos, como é possível inferir do texto clássico também disposto no trabalho. O verbo “façamos” denota que houve um chamado para o traba-lho manual e não o exercício do poder da palavra divina, pois a tudo dis-se “haja”, mas na criação humana, Deus decidiu fazê-la por ele mesmo.

Reconhecemos, contudo, que a obra destinada aos pequenos leito-res é de vocabulário bastante acessível e apresenta uma proposta dinâmi-ca e envolvente. O contato com essa (ou outra) adaptação favorece, sem dúvidas, a leitura posterior da obra completa, com um nível de maturida-de social e linguística mais elevado, podendo formular novas hipóteses e construir novos significados.

10. Considerações finais

A partir do exposto, podemos perceber a adaptação literária faz parte do processo de interação entre o leitor e o texto original; a obra adaptada é a porta de entrada para um leitor ainda incipiente.

Luiz Raul Machado, no prefácio do livro de Mário Feijó, afirma que adaptar é “traduzir numa forma mais simples um belo enredo de per-sonagens atraentes” (p. 8). A tradução que ele fala se dá pelo ato de re-contar a história, enfatizando alguns pontos, omitindo outros.

Recontar numa linguagem coloquial uma bela história. Claro que reduz, claro que simplifica. Mas, se toda tradução é um pouco traição, o adaptador trai um pouco o autor, “facilitando” sua obra para um leitor ainda com poucos recursos. Por outro lado, põe ao alcance do jovem uma história maravilhosa antes inacessível. (MACHADO, In: FEIJÓ, 2010, p. 8)

O texto de Ana Paula Aragão, autora da adaptação, atende à de-manda do público. A linguagem simples aliada ao dinamismo da narra-tiva permite que a criança estabeleça as relações de sentido entre os termos usados. As frases curtas merecem destaque, posto que, para crianças recém-alfabetizadas, as pequenas orações têm maior expressividade, ao contrário dos longos períodos da *Bíblia* tradicional – períodos estes que ainda se fragmentam em versículos, exigindo maiores esforços na atri-

buição de sentidos quanto ao posicionamento dos termos e dos sinais de pontuação.

Assim, a adaptação alcança o objetivo de manter vivo o texto bíblico, mas permite à sociedade a atualização do discurso. Segundo Mário Feijó (2010), “poderemos pensar a adaptação como um procedimento habitual e inerente à renovação da tradição literária, como perpetuação e divulgação dos cânones. Juridicamente, são as chamadas obras derivadas”. (p. 43)

Conclui-se, então, que a obra literária deve estar aberta às boas adaptações, aquelas que são capazes de despertar o interesse pela leitura dos textos consagrados e que, por conta das variações de interesses sociais, se perdem neste cenário. A *Bíblia*, por exemplo, um livro conhecido mundialmente, precisa chegar a vários públicos. Para tanto, é preciso fazer com que ele se torne atraente aos leitores.

O presente trabalho apresentou um breve histórico da obra religiosa e como a leitura do texto sagrado pode ser transformado para melhor compreensão do público infantil. Completamos nosso estudo considerando de excelente valor literário a obra adaptada que se analisou, podendo conquistar os pequenos leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Ana Paula. *Bíblia para crianças*. São Paulo: Ciranda Cultural.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

FEIJÓ, Mário. *O prazer da leitura: como a adaptação de clássicos ajuda a formar leitores*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2010.

KONINGS, Johan. *A bíblia, sua origem e sua leitura: Introdução ao estudo da bíblia*. 7. ed. atual. Petrópolis: Vozes, 2011.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 4. ed. rev. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

YUNES, Eliana. *Tecendo um leitor, uma rede de fios cruzados*. Curitiba: Aymará, 2009.